A PARTIR DA CARTA AOS ITALIANOS

Vera Pollo

Responder à pergunta 'Que Escola queremos?' é procurar dizer porque queremos a Escola com o passe e os cartéis.

Quando fui convidada pelo segundo cartel de coordenação do Fórum Rio para participar de uma das mesas de debate sobre a *Carta aos Italianos*, escrita por Lacan em 1974, propus-me como meta trabalha-la em conjunto com a aula de 9 de abril do mesmo ano, do Seminário *Os não-tolos erram* (Les non-dupes errent). Nessa última, Lacan retoma o que anunciara em 1967, esclarecendo que o "autorizar-se de si mesmo" comporta uma escolha ou decisão que jamais é tomada na solidão ou no isolamento, mas que equivale antes a um "autorizar-se de si mesmo e de alguns outros", aos moldes da escolha ou decisão que é feita pelo ser sexuado.

Na *Carta aos Italianos*, ele estabelece uma relação de implicação lógica (se...então) entre a Escola e aqueles que já definira como "analistas de sua própria experiência", relação esta que estaria no entanto condicionada à aplicação do dispositivo do passe. Ou seja: se o passe viesse a verificar a existência do AE, então, necessariamente, ele verificaria também a existência de uma Escola. Naquele momento, e nas próprias palavras de Lacan, tratava-se de contrariar sua prudência anterior e arriscar-se, inclusive, à constatação da inexistência de uma Escola. Uma seqüência se impunha assim claramente: primeiro lugar, era necessário aplicar o dispositivo do passe, que não por acaso ele chama nesse texto de "o meu princípio", em segundo lugar, viriam os AEs e, com eles, a Escola.

Todavia não nos encontramos mais em 1974, e por isso podemos colocar a questão: devemos conceber uma forma de aplicar o dispositivo do passe antes de pensarmos a fundação de uma Escola ou, levando em consideração a experiência que já tivemos, podemos concluir que a Escola de Lacan já existe e devemos sobretudo nos ocuparmos em extrair todas as conseqüências possíveis dessas experiências?

Os recentes depoimentos que tivemos a oportunidade de escutar no Fórum Rio, depoimentos de sujeitos que passaram pelo dispositivo, testemunham simultaneamente o entusiasmo com que alguns viveram seus efeitos e a transmissão possível de um determinado saber (um ou outro matema e/ou ponto teórico) para além das pequenas histórias no entanto indispensáveis, pois, como observa Lacan na referida carta: *"Trata-se de colocar colaborando o simbólico e o real que o imaginário enlaça (eis porque não se pode deixá-lo cair)"*.

Nessa carta ainda nos deparamos com a aposta explícita de que os analistas saberão encontrar a marca de um "congênere". Mas onde Lacan situa o analista em 1974? Na aula do seminário *Os não-tolos erram*, ele o situa num espaço entre-dois, cujas coordenadas permaneciam por serem precisadas. Precisamente, ele o situa entre o homem de ciência e o artista, acrescentando que a função determinante do momento em que ele faz sua escolha restava enigmática. Cabia-lhe, como lhe cabe ainda, desenvolver m método que lhe propiciasse beber nessas duas fontes: a do rigor da lógica e a do grão da arte, "para fazermos de nós esse terceiro, além do cientista e do artista, que ainda não foi classificado".

É então, no retorno ao escrito sobre *O tempo lógico* que ele nos aconselha buscarmos novas pistas, dando-nos a entender que "autorizar-se de si mesmo" implica a função lógica da pressa e uma asserção antecipatória". Tal asserção será posteriormente submetida à "prova da dúvida", mas "ela não poderia sequer ser verificada, se não tivesse sido alcançada primeiramente na certeza". Seguindo o raciocínio freudiano em seu texto sobre *Construções em análise* (1937), no qual ele sugere: primeiramente a construção, em seguida a verificação de sua veracidade, Lacan propõe: em primeiro lugar a asserção (o afirmar-se como analista), para posteriormente submeter-se à verificação do que houve de verdadeiro no que teve início como uma certeza.

Isso quer dizer que poderíamos estabelecer uma equivalência entre o dispositivo do passe e o que Lacan chama nesse texto de "prova da dúvida"? Parece-me que sim, uma vez que o que está em jogo nessa prova é a verificação do alcance de um "fazer-se", no caso, "o fazer-se analista". Retomemos o momento lógico de concluir, tal como ele o escreve

em *O tempo lógico*: *"Apresso-me a me afirmar como branco(homem,etc) para que esses brancos, assim considerados por mim, não me precedam reconhecendo-se pelo que são"* (Escritos, 1998: 206).

Se aceitarmos que é esse o momento em que o analista se autoriza de si mesmo e de alguns outros, devemos concluir que nessa autorização ele sabe apenas o que não é um analista, posto que deduz "o que lhe é possível deduzir do que ele não vê", tomando como referência os que estão com ele num mesmo movimento. Sua dedução é conseqüência de seu desejo de não perder a possibilidade de concluir.

Pois bem, voltando à aula de 9 de abril de 1974, Lacan ressalta que a oferta de um corpo ou organização imaginária é o que faz a passagem da multidão ao grupo, ao passo que a passagem do grupo à Escola implica algo mais. Ela implica um novo laço, capaz de transformar o "sujeito suposto saber" (o trabalho de transferência) em "saber suposto sujeito" (a transferência de trabalho). Em outras palavras, para que haja Escola, é preciso que não permaneçamos na posição daquele que atribui desejo de saber ao Outro, para satisfazer aquilo que se supõe que o Outro quereria, enquanto ele mesmo se satisfaz em sua anorexia mental.

Para Lacan, não pode haver Escola sem produção de escritos, uma vez que o saber se escreve e que o trabalho com a letra é o único que lida com "o significante que não tem Outro" (aula de 17 de março de 1971, Seminário *De um discurso que não seria do semblante*).

Do texto freudiano, esse novo arranjo de letras que Freud introduziu no mundo, resultou a emergência do grupo de analistas, isto é, de um novo real ou de um novo discurso. Mas, como fazer desse discurso de Escola? É uma pergunta a que Lacan se coloca, e à qual responde com a invenção dos cartéis e do dispositivo do passe.

Os cartéis visam a uma forma de provocar uma elaboração analítica, escrita e singular, porque esta vai contra o movimento espontâneo do sujeito de atribuição do desejo de saber ao Outro. O dispositivo do passe visa ir contra a queda no esquecimento do passe clínico, que Lacan definiu, em 1967, como a destituição subjetiva do analisante e o desser do analista, antecipando desse modo que o agente do discurso do analista não é o sujeito e que o objeto de que o analista faz semblante tem apenas uma consistência lógica, a ser deduzida da análise de cada um. Sua aposta era a de que seria possível prestar contas de um ato real de autorização, cujas coordenadas simbólico-imaginárias o sujeito geralmente tem horror a saber quais são, e esclarecer a mudança discursiva que responde pelo desejo de reproduzir com outros a experiência analítica por que passamos.

Saber lidar com a transferência numa comunidade de analistas, para além do respeito pela análise de cada um, seu trabalho de transferência, é também propiciar a existência de lugares de endereçamentos dos escritos, ou seja, das transferências de trabalho.